

**CAMPO LÉXICO-SEMÂNTICO DE *GALEGO* NOS DICIONÁRIOS DE PORTUGUÊS EUROPEU.
CONTRIBUTOS PARA A ANÁLISE DA IMAGEM DA GALIZA EM PORTUGAL**

**LEXICAL-SEMANTIC FIELD OF *GALEGO* IN EUROPEAN PORTUGUESE DICTIONARIES.
CONTRIBUTIONS TO THE ANALYSIS OF THE IMAGE OF GALICIA IN PORTUGAL**

Guillermo Vidal Fonseca*
gvidalfonseca@unex.es

Álvaro Iriarte Sanromán*
alvaro@elach.uminho.pt

Carlos Pazos-Justo*
carlospazos@elach.uminho.pt

No imaginário coletivo português, a palavra *galego* não se limita apenas a designar, como gentílico, os habitantes da vizinha Galiza nem algo a ela relativo. Diferentes investigadores desde o século XX vêm analisando distintos significados do termo e os valores culturais associados em Portugal. O presente artigo pretende contribuir para essa análise com a novidade de examinar as definições de aceções pertencentes ao campo lexical *galego* num elenco de dicionários portugueses do século XVI até à atualidade. Sob essa premissa, e através dum levantamento da informação contida em cada entrada e da elaboração de tabelas de frequência, será analisado o campo lexical e semântico de *galego*. Isso vai permitir observar a evolução dos significados ao longo dos séculos, e, por sua vez, identificar os usos pejorativos ou com conotações negativas do termo em Portugal, bem como tornar patente a parcialidade de alguns dicionários no uso das marcas lexicográficas.

Palavras-chave: Dicionários. Galego. Português europeu. Léxico. Imagem da Galiza.

In the Portuguese collective worldview, the word *galego* is not only limited to designating, as a gentilic, the inhabitants of neighbouring Galicia or aspects related to it. Since the 20th century, different researchers have been analysing different meanings of the term and its associated cultural values in Portugal. This paper aims to contribute to that analysis with the novelty of

* Departamento de Lenguas Modernas y Literaturas Comparadas, Universidad de Extremadura, Cáceres, Espanha. ORCID: 0000-0003-3494-3405.

* Grupo Galabra-UMinho, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, Portugal. ORCID: 0000-0003-0077-8843.

* Grupo Galabra-UMinho, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, Portugal. ORCID: 0000-0001-6172-3059.

examining the definitions of meanings belonging to the *galego* lexical field in a cast of Portuguese dictionaries from the 16th century to the present day. Under this premise, collecting information contained in each entry and elaborating frequency tables, the lexical and semantic field of *galego* will be analysed. This will allow us to observe the evolution of meanings over the centuries and, in turn, identify the pejorative or negative connotations of the term in Portugal, as well as to make evident the bias of some dictionaries in the use of lexicographical marks.

Keywords: Dictionaries. Galician. European Portuguese. Lexicon. Galician image.

•

1. Introdução

A Galiza e Portugal constituem duas entidades ligadas por inúmeros fatores. De sobra é conhecida a ligação linguística e cultural entre as duas – além da política em períodos das idades Média e Moderna –, uma ligação que no plano linguístico resulta numa “família de línguas derivadas do galego” medieval (Bagno, 2011, p. 38).

Como queira que fossem os acontecimentos históricos desde a Idade Média até aos nossos dias, decerto a emigração galega a diferentes lugares do mundo influenciou no facto de que o gentílico *galego* fosse adquirindo significados secundários, mais ou menos distantes do primário “relativo ou pertencente à Galiza”, em diferentes culturas, sem que fosse exclusivo da portuguesa. Assim, é salientável o significado de *galego* como equivalente de “espanhol” em vários países de fala hispana de América Latina (Real Academia Española, 2019; cf. Núñez Seixas, 2002). As imprensas galegas e espanholas também mostram que, até há poucos anos, o dicionário da Real Academia Española incluía o verbete com os significados de “tonto” ou “tartamudo” em dois países da América Central como Costa Rica e O Salvador (La Voz de Galicia, 2014), e que até existiam tomadas de posição ao respeito de organizações e agentes da cultura galega que reclamaram à Academia espanhola apagar essas aceções do dicionário por serem pejorativas contra o povo galego (ABC, 2006). De facto, em chave histórica, na literatura espanhola da Idade Moderna a visão dos galegos “vacila entre la alabanza exagerada (...) y el insulto ignominioso” (Teijeiro Fuentes, 1996, p. 203), destacando no sentido negativo a visão do galego como bêbado, sujo, avarento, feio ou mau cristão (*ibidem*, pp. 203–246). Também os árabes da Al-Andalus formaram uma visão do galego como valente, astuto, fedorento e cientificamente ignorante (Carballeira Debasa, 2011). Por sua vez, no Brasil, embora não faça parte dos países sul-americanos de fala hispana, também se testemunha a existência do verbete em certas áreas linguísticas do país com vários significados, dentre os que são mais comuns os de ‘pessoa loira (e/ou de tez clara)’, ‘português’ ou ‘pessoa estrangeira’, como demonstra o estudo de Barros, Machado, Heidmann e Philippsen (2018). Como veremos, em Portugal também existem tradicionalmente vários significados associados à palavra.

Portanto, neste artigo explicitar-se-á a construção do corpus documental de dicionários e a metodologia utilizada para, depois, analisar quantitativamente as palavras-chave associadas ao termo *galego*, as palavras e topónimos mais utilizados para o definir,

os sentimentos associados às definições e as marcas lexicográficas que são usadas para matizá-las ou restringir o seu uso.

1.1. A imagem da Galiza em Portugal

Não é surpreendente que, se o contacto cultural e social dos galegos com outros povos produziu um discurso de representação em lugares tão distantes como a América Latina, com a sua vizinha Portugal tenha ocorrido algo parecido, com provavelmente maior expressão. Desta maneira, Grygierzec e Ferro Ruibal (2009), assim como Marçal (1954) e, mais recentemente García Benito (2014), catalogaram uma grande quantidade de exemplos da palavra *galego* e variantes na fraseologia portuguesa, em casos com significado imagológico. Alguns exemplos destacáveis são a do galego como o mais baixo degrau social (frases do tipo “debaixo de galego, só um burro”) ou a de pessoa trabalhadora (“trabalhar como um galego”). No âmbito literário, a presença de galegos é igualmente abundante, tanto em escritores consagrados como Camilo Castelo Branco (Rodríguez & Torres Feijó, 1994) quanto na literatura mais destinada à representação e de menor interesse para a crítica, como o chamado teatro de cordel e as comédias do século XVIII (Carrasco, 2020; Kristensen & Evans, 2006). Em termos gerais, o quadro imagológico português esteve marcado, durante séculos e até bem entrado o século XX, pela hegemonia da *imago tipo do imigrante* ou *negativo* (Pazos-Justo, 2012, 2016), indiscutivelmente vinculado às mobilidades migratórias que, durante séculos, fez com que numerosos galegos rumassem a Portugal, Lisboa particularmente, para exercer trabalhos de escasso prestígio social (González Lopo, 2006). Note-se, contudo, que de fins do século XIX e até a atualidade, começa também a funcionar em Portugal um outro discurso de representação – *imago tipo de afinidade* – que destaca os vínculos de variado tipo existentes entre galegos e portugueses.

Por último, são salientáveis trabalhos de investigação portugueses que, no campo da linguística, se ocuparam das relações linguísticas na faixa ocidental da Península Ibérica. Duarte (2015), que estudou textos metalinguísticos da Idade Moderna, chega à conclusão de que, pelo geral, os autores sentiam afinidade entre o galego e o português do norte, face o do sul. Aliás, reconheciam-se galego e português como a mesma língua em origem, mais fazia-se finca-pé nos fatores não linguísticos para afirmar a diferenciação entre os dois na época. Por sua vez, Álvarez Pérez (2013), que examinou o discurso de historiadores da língua portuguesa, demonstra que as perceções discorrem desde aqueles que acham o galego e o português duas línguas diferentes (Clarinda Maia) até quem acha o galego um dialeto cuja forma literária é o português (Rodrigues Lapa), passando por posições intermédias que entendem que galego e português são variantes do mesmo sistema linguístico (Cintra, Paiva, Ivo Castro e Fernando Venâncio, entre outros).

Assim, os dados mostram que a Galiza e os galegos têm criado uma imagem nas culturas com as que tiveram contacto historicamente, sobretudo aquelas com as quais teve ou tem algum tipo de vínculo, o que fez com que a palavra *galego* adquirisse diferentes significados e imagens coletivas além do próprio gentílico. Com o foco em Portugal, o nosso objetivo é examinar o que dizem a esse respeito os seus dicionários de língua

portuguesa, estudando o campo lexical e semântico da palavra para quantificar os seus significados e, em última instância, identificar os discursos de representação subjacentes.

1.2. Quadro teórico: a ideologia dos dicionários

No debe extrañar, por tanto, el poder indiscutido que trasmite un diccionario por el mero hecho de su publicación, la sacralización del discurso que encierra por la propia virtud del texto que lo transmite. "Lo dice el diccionario", "lo pone el diccionario", "lo trae el diccionario" o "lo escribe el diccionario" son frases cotidianas familiares a todo el mundo, capaces de legitimar los discursos más peregrinos. (Gutiérrez Cuadrado, 2011, p. 39)

A afirmação sobre a autoridade dos dicionários exemplifica bem o poder que eles têm sobre o sentimento de correção ou incorreção linguística nos falantes. Os dicionários não só se entendem como as ferramentas pelas quais procuramos o significado de palavras ou expressões que desconhecemos, mas também funcionam como autoridade linguística entre os falantes. Mas, como aclara o mesmo pesquisador (*ib.*, pp. 25–66), esse princípio de autoridade do imaginário coletivo não implica de jeito nenhum que os dicionários careçam de ideologia, ao invés do que costumam acreditar os seus utentes. De facto, os fatores ideológicos podem-se dividir em aqueles relacionados com a língua objeto em geral (seleção do léxico, exemplos) e os metalinguísticos (marcas lexicográficas, definições). No mesmo sentido, para Forgas Berdet (2007) os dicionários são *cosmovisões*, o que implica que são um jeito de entender e julgar o mundo e não partem desde um hipotético ponto neutro. Num estudo exaustivo, Forgas Berdet (2011) localiza na edição do dicionário da Real Academia Española de 2001 um número significativo de exemplos nos que existe discriminação, diacronismo a respeito dos avanços ou situações sociais, ocultamentos intencionados, etc., e que divide em ideologia patente na macroestrutura e na microestrutura do dicionário.

Na verdade, não existem umas normas e critérios comuns e universais para elaborar dicionários, e muito menos entre diferentes línguas. Tradicionalmente (mas não sistematicamente), as edições são acompanhadas dum prefácio onde ficam explicadas as normas que os autores seguiram no trabalho lexicográfico. Pelo geral, as normas costumam respeitar certos princípios, como o de universalidade ou o de neutralidade, procurando evitar diversas discriminações como as de género, raciais, etc., assim como a centralidade do lugar onde se elabora. Mas o facto de existirem umas normas não implica 1) que sejam complementemente neutras, desprovidas de parcialidade, 2) que essas normas enunciadas sejam cumpridas em todos os casos, como demonstram os dois últimos autores citados nos seus estudos, e 3) que muitas vezes os preconceitos e discriminações sejam intencionados.

Os dicionários, pois, apresentam ideologia tanto na decisão de incluir ou não incluir um verbete, quanto no jeito de defini-lo, quanto na decisão de atribuir-lhe ou não exemplos e/ou marcas lexicográficas (e quais, em caso de inclui-las). Neste sentido, neste trabalho partimos da premissa de que os dicionários podem informar também acerca dos discursos de representação das comunidades; aqui, os galegos.

2. Metodologia

Este trabalho sustenta-se na análise exaustiva da palavra *galego* nos dicionários de português europeu. Portanto, o primeiro e mais necessário cometido é o de selecionar o *corpus* documental, um *corpus* adequado sob o ponto de vista do tempo (com representação de dicionários de vários séculos), do espaço (restringidos ao âmbito do português continental europeu), da natureza do trabalho (limitados aos dicionários monolíngues de português) e, inclusive, da estatística (com uma suficiente representatividade que permita tirar conclusões fiáveis). Assim, juntando todos esses critérios, e tomando em conta os começos da lexicografia portuguesa só depois da Idade Média, foram incluídos no *corpus* 23 dicionários, a grande maioria dos monolíngues publicados em Portugal desde o século XVI em diante, que aparecem numerados por século e parcialmente descritos em Iriarte Sanromán (2016). Foram notáveis exceções o primeiro dicionário Academia de Ciências de Lisboa (1793) – pois só completou a letra A e não chegou ao G de *galego* –, ou o *Dicionário de Português Básico* (Vilela, 1990). Na Tabela 1 está especificada a listagem completa dos dicionários utilizados.

Tabela 1. Dicionários que fazem parte do *corpus* documental examinado no trabalho.

Séc. XVI-XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI
Cardoso (1562)	Bluteau (1712) Morais Silva (1789)	Vieira (1871) Caldas Aulete (1881) Figueiredo (1899)	Torrinha (1931) Bivar (1948) Morais Silva (1949) Lello Universal (1974) Morais (1980) Machado (1981) Lexicoteca (1985) Porto Editora (1990) Texto Editora (1995) Sistema J. (1996)	Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001) Houaiss (2003) Infopédia (2003) Porto Editora (2004) Verbo (2006) Priberam (2008) Dicionário Aberto (2010)

Nota. Nomes simplificados para identificação do dicionário. Nas Referências aparece a informação completa de cada um.

Outra das tarefas importantes do trabalho é a seleção do campo lexical de *galego*, necessário para observar os significados ligados a palavras que derivam dela. A seleção foi feita manualmente, examinando no *corpus* a entrada *galego* assim como outras começadas por *galeg-* e nas quais foi comprovada, naqueles dicionários que disponibilizam a procedência etimológica das palavras, a sua derivação desde *galego* ou étimo latino *gallaicu*. Considerando, aliás, que *galaico* e *galiziano* funcionam como sinónimos de *galego* em muitos dicionários, ambas e as suas possíveis derivadas foram incluídas, embora possuam um radical diferente. Sendo assim, o número de entradas analisadas nos dicionários atinge as 24.

Tabela 2. Campo lexical de galego: entradas analisadas nos dicionários.

galaico	galego/a	Galeguice
galaico-castelhano	galego-barbado	galeguinho
galaico-duriense	galego-de-montemor	galeguismo
galaico-português	galego-doirado/dourado	Galeguizar
galega	galego-forcado	Galiza
galegada	galego-negrão/negrã	Galizão
galegagem	galego-português	Galiziano
galegaria	galego-rapado/raspado	Galizo

Nota. As entradas podem variar graficamente de dicionário para dicionário. Na tabela marcamos entre barras (/) as variações existentes.

Além das entradas de dicionário, o campo lexical e o estudo consideram expressões que contêm a palavra (ou derivadas dela), assim como locuções ou estruturas multipalavra onde *galego* ou as suas derivadas estejam modificando como substantivo ou adjetivo uma frase nominal. Por razões operativas, quando menos nos dicionários não digitalizados nem em linha, não é possível rastrear todas as entradas ou expressões que contêm a palavra ou derivadas. Por isso, as estruturas multipalavra aqui estudadas limitam-se às que os dicionários especificam nas próprias entradas incluídas na Tabela 2. Elas, junto com as expressões, mostram-se na Tabela 3.

Tabela 3. Expressões e estruturas multipalavra com *galego* objeto de estudo.

Expressões	Estruturas multi-palavra
à galega	cavalo galiziano
parir a galega / ter parido a galega	psaltério galego
	uva galego

Nota. As entradas podem variar graficamente de dicionário para dicionário. Na tabela marcamos entre barras (/) as variações existentes.

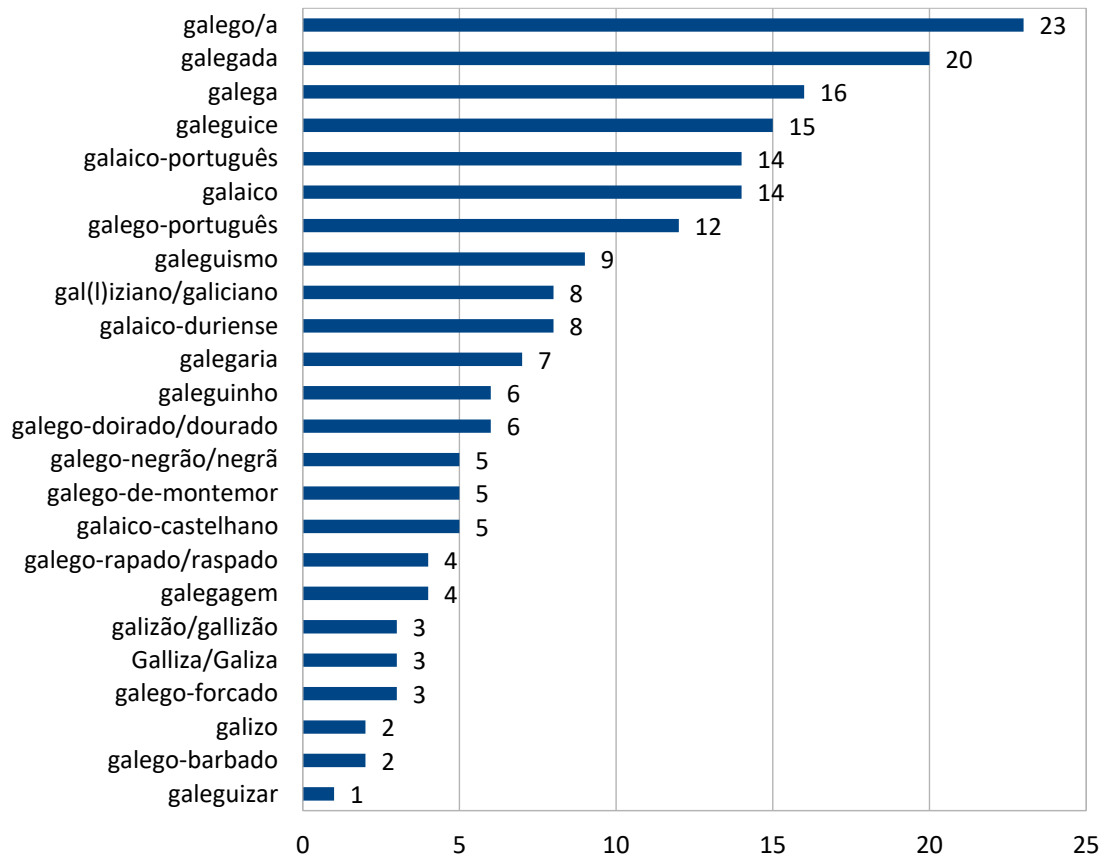
A metodologia de trabalho consistiu igualmente na extração manual de dados de cada entrada de dicionário e posterior recolha numa base de dados. Isso incluiu as definições separadas por aceções como apartado mais importante, mas também a categoria gramatical, os exemplos, as marcas lexicográficas, a procedência etimológica e informação adicional sobre a palavra que, facultativamente, pudesse recolher o dicionário. Como veremos, esses dados serão muito úteis para o nosso trabalho. Já a análise dos dados posterior é feita manualmente ou automaticamente, utilizando os analisadores da ferramenta Excel, dependendo dos fatores analisados: a ferramenta oferece os dados mais ligados com a análise quantitativa, enquanto as questões mais ligadas ao perfil qualitativo são feitas de forma manual.

3. Resultados

3.1. Ocorrências totais: entradas

A listagem das palavras mais frequentes que aparecem como entrada nos dicionários portugueses, em certa forma, denota indiretamente quais das palavras do campo lexical de *galego* são mais (re)conhecidas e usadas pelos falantes de língua portuguesa em Portugal. No Gráfico 1 recolhemos os resultados:

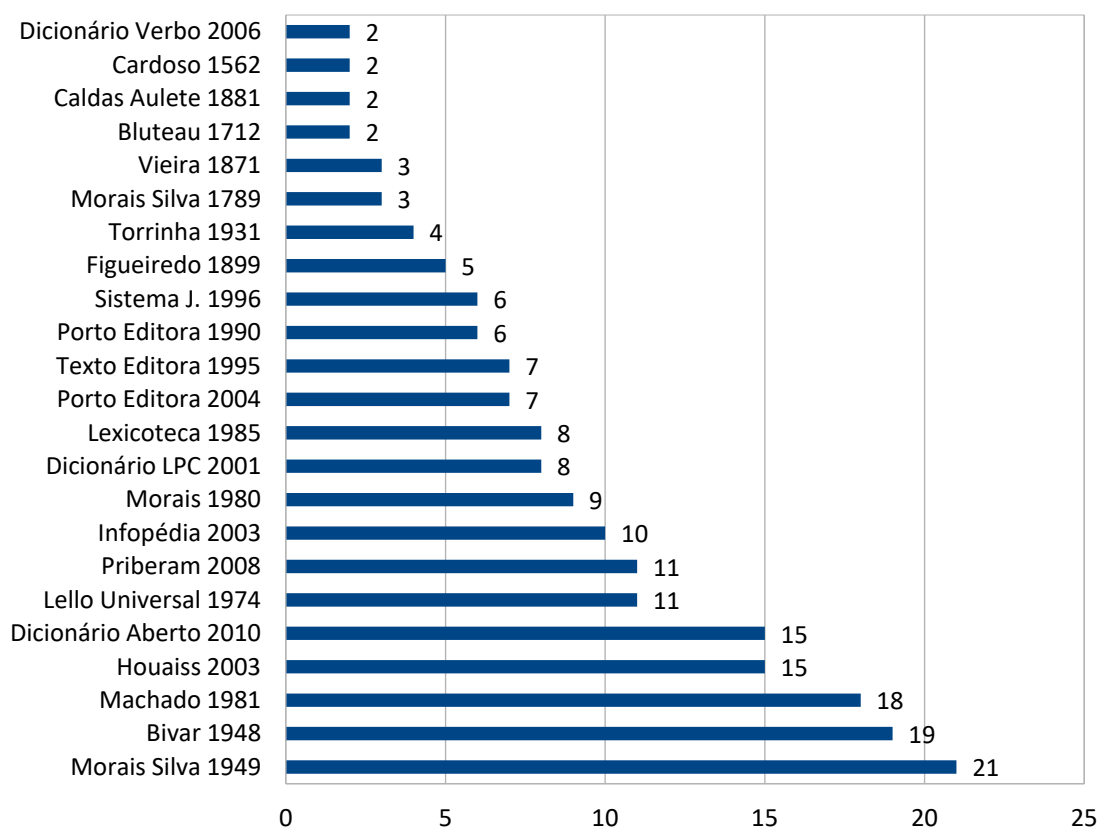
Gráfico 1. Total de ocorrências de cada palavra no total dos dicionários analisados.



A entrada *galego* (só em masculino nos dicionários mais antigos, e facultativamente com flexão feminina em -a em alguns mais contemporâneos) é a mais representada nos dicionários (com 23 ocorrências registadas, em todos os dicionários em análise, portanto). O facto de ser a entrada mais frequente demonstra que *galego* é a palavra central para os dicionários, da qual derivam o resto de palavras e a partir da qual se produz uma diversificação semântica que resulta numa variedade grande de significados. Por contra, *galeguizar* é o verbete menos frequente (só 1 ocorrência).

3.2. Número de entradas por dicionário

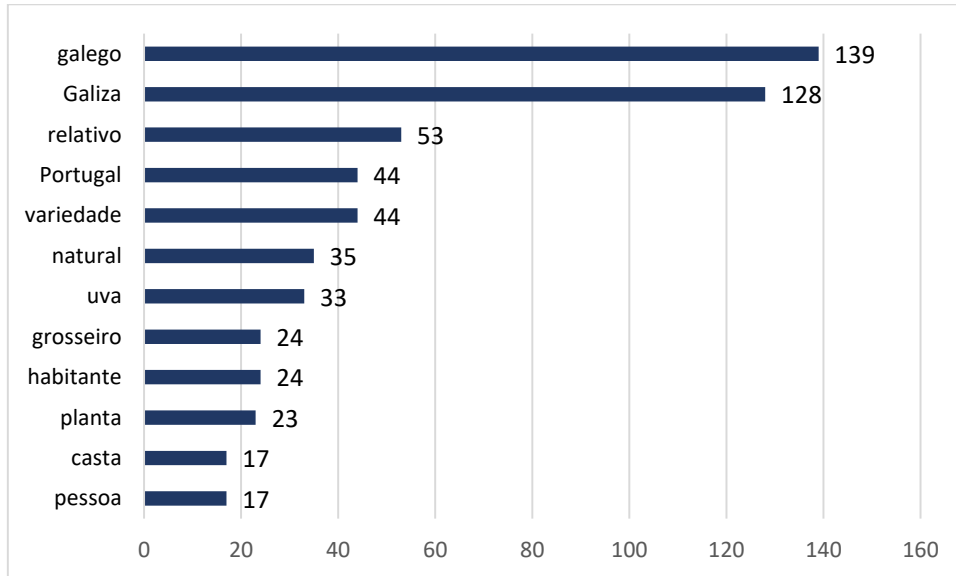
O Gráfico 2 recolhe, das 24 entradas totais, quantas aparecem em cada dicionário, o que fornece informação sobre o nível de precisão dos diferentes dicionários:

Gráfico 2. Total das 24 entradas: número de entradas por dicionário.

O Gráfico 2 demonstra uma questão relevante: os dicionários mais recentes não são os que apresentam mais especificação para com os termos derivados de *galego*, embora sejam, mesmo assim, muito mais específicos que os mais antigos, os anteriores ao século XX. O pico, em dados absolutos, produziu-se em meados do século XX, com os dicionários de Bivar (1948) e Morais Silva (1949), este último superando as 20 entradas diferentes relacionadas com *galego*. Os dicionários com menos termos específicos são os mais antigos, mas curiosamente também o Verbo (2006), só contendo as entradas *galego* e *galaico-português*.

3.3. Ideias ligadas ao campo lexical

Através da compilação de todas as entradas e definições no programa Excel, pode ser feito um levantamento das palavras mais importantes utilizadas nas definições estudadas. Excetuando as palavras gramaticais (preposições, artigos, nexos...) e as categorias gramaticais junto com as marcas lexicográficas, o resultado é o que exhibe o Gráfico 3:

Gráfico 3. Palavras mais repetidas no total de dicionários para definir o campo lexical *galego*.

O Gráfico 3 mostra, em geral, com que palavras ou ideias se associa mais a palavra *galego* e outras do seu campo lexical. O facto de algumas palavras se repetirem tantas vezes apesar das diferenças temporais e de autoria e edição dos dicionários demonstra, ao nosso ver, que é quase impossível separar certas ideias do que *galego* (e derivadas) significa para o povo e para os dicionários. Excetuando *relativo* (muito frequente para definir adjetivos) e as esperáveis *galego* e *Galiza* (a primeira, definindo palavras do campo lexical distintas dela própria), o resto das palavras proporcionam informação relevante: a mais frequente (44 ocorrências) é *Portugal*, o que, ainda sendo até certo ponto esperável por serem *galego-português* e *galaico-português* elementos do campo lexical, testemunha a centralidade espacial com a que estão elaborados a maioria dos dicionários analisados. Quer dizer, não são apenas dicionários de língua portuguesa em sentido amplo, mas dicionários de e para Portugal e os seus habitantes.

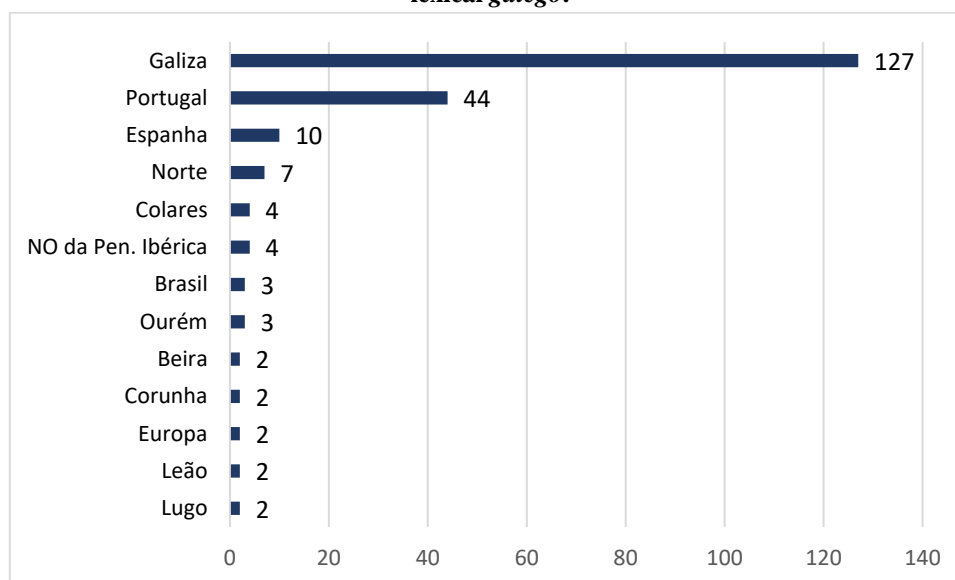
O protagonismo de *Portugal* guarda relação, também, com as palavras 3^a, 5^a, 8^a e 9^a em número de frequência: *variedade*, *uva*, *planta* e *casta*. Se *galego* tem significados específicos e concretos relacionados com a flora, o facto de serem incluídos no dicionário talvez tem a ver também com a tendência dos lexicógrafos para fazerem dicionários de português para o povo e a cultura portuguesas. No entanto, além desses detalhes, essas e as outras palavras mais usadas (*habitante*, *grosseiro*, *pessoa*) conformam uma aproximação do que descreveremos como *campo semântico de galego*.

3.4. Toponímia e pontos cardeais ligados ao campo lexical

Em linha com o anterior figuram os testemunhos toponímicos nos dicionários à hora de definir o campo lexical, assim como os pontos cardeais que são usados com a mesma

intenção. Na Figura 4 recolhemos os topónimos e as referências a pontos cardeais com maior número de ocorrências:

Gráfico 4. Topónimos e pontos cardeais mais repetidos no total de dicionários para definir o campo lexical *galego*.

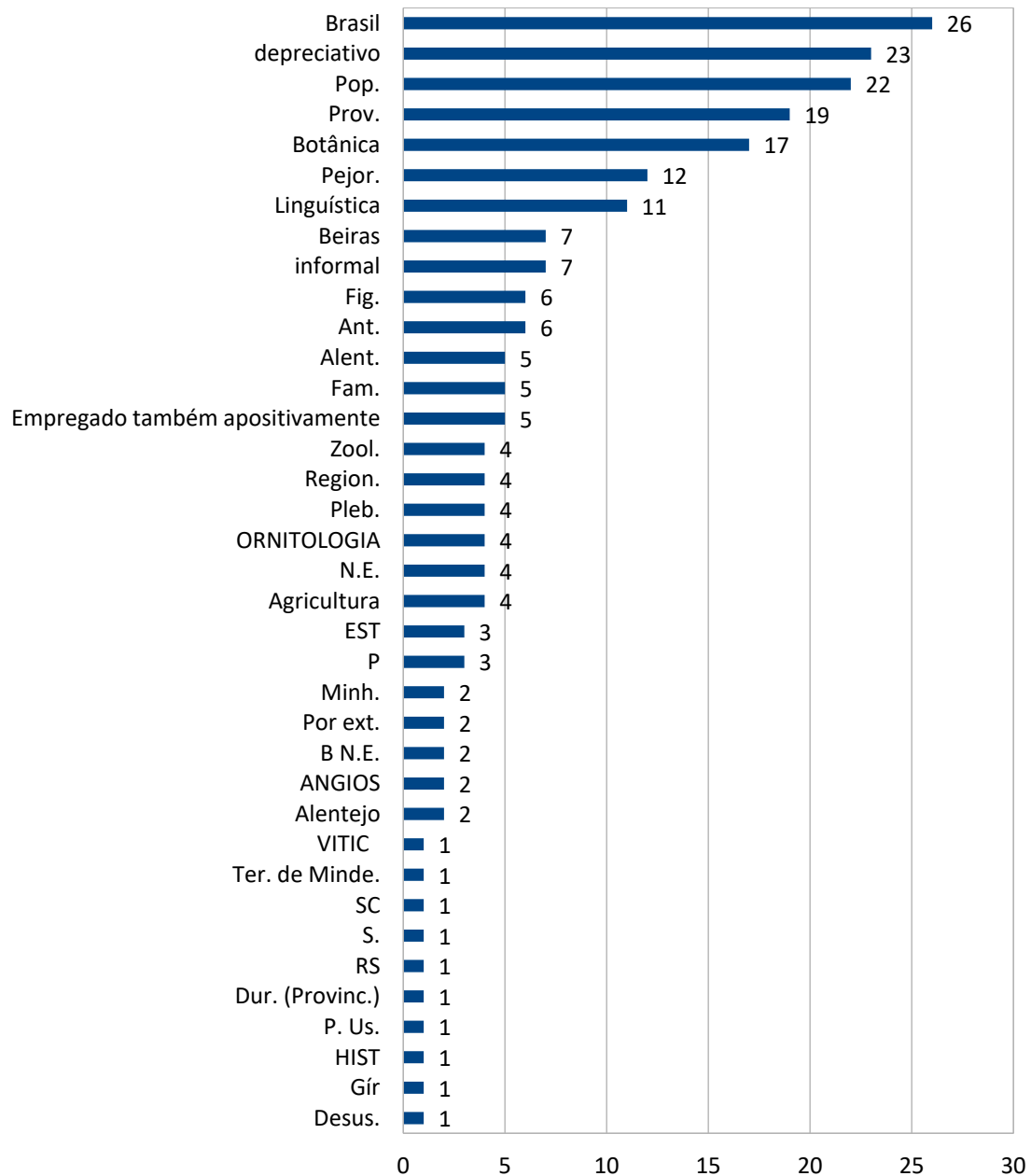


Como é facilmente observável, destacam dois topónimos por cima de qualquer outro: *Galiza* com 127 ocorrências e *Portugal* com 44. Já com poucos exemplos, *Espanha* e o ponto cardinal *norte* (10 e 7 respetivamente), enquanto o resto de topónimos do Gráfico 4 são testemunhais (entre 4 e 2 ocorrências em todos os casos). Além destes, aparecem ainda perto duma trintena de topónimos com só uma ocorrência no total do *corpus*. Estes exemplos estão ligados, como dissemos, com o Gráfico 3, pois demonstram definir *galego* e o seu campo lexical desde a centralidade portuguesa. Aliás, destaca que seja mais citado Portugal do que a Espanha com uma diferença tão grande (44 de Portugal por 10 da Espanha), tomando em conta que a Galiza é um território integrado na Monarquia Hispânica durante todo o período de análise. Os pontos cardeais, por sua vez, indicam claramente a situação da Galiza a respeito de Portugal e da Península Ibérica.

3.5. Marcas lexicográficas

As marcas lexicográficas são um dos elementos mais importantes do dicionário. Fazem parte da *microestrutura* dos dicionários e, embora ajudem para clarificar o contexto social das palavras que são definidas e o seu contexto de uso, também são responsáveis muitas vezes das amostras de parcialidade, viés ideológico e estigmas que emanam dos dicionários. São, portanto, objeto de interesse especial aqui enquanto indiciadores de discursos de representação; no Gráfico 5 recolhemos as marcas lexicográficas e o seu número de ocorrências nos verbetes estudados.

Gráfico 5. Frequência de aparecimento das marcas lexicográficas matizando as definições do campo lexical *galego* nos dicionários do *corpus*.



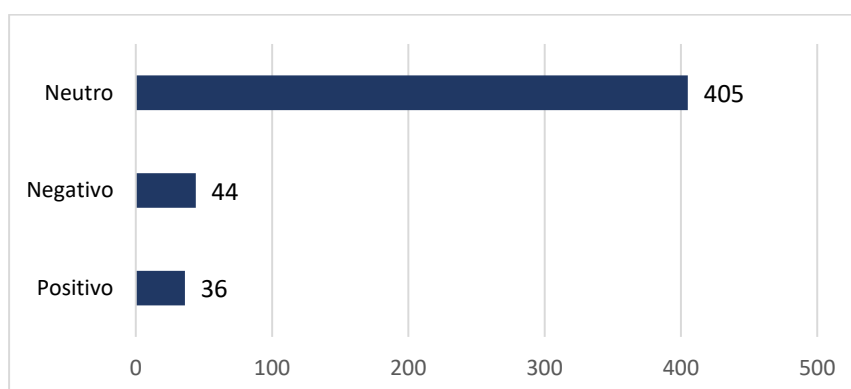
Antes de analisar os resultados, é preciso tomar em conta que muitas aceções são representadas sem marcas lexicográficas. Portanto, as marcas mais usadas não implicam que o campo lexical esteja sempre condicionado nem matizado. O Gráfico 5, portanto, faz referência às marcas mais frequentes quando as definições têm marcas. É salientável, mesmo assim, que a mais comum seja *Brasil*, o que informa que *galego* ou derivadas têm no Brasil significados diferenciados. Destacam, também, as etiquetas *depreciativo*,

popular e *pejorativo* dominando as primeiras posições, com 23, 22 e 12 cada um, o que é sintoma de possuírem *galego* e derivadas um campo semântico, quando menos em parte, marcado negativamente, como vai poder evidenciar-se. Para lá do indicativo geográfico do Brasil, salientam também outras demarcações como *provincial* ou *regional* (19 e 4 vezes), e explicitamente as *Beiras* (7), o *Alentejo* (5), *Nordeste* ou *Brasil Nordeste* (4 e 2) ou *Minho* (2), para além de outras ocorrências únicas. Se estimamos, aliás, outras etiquetas relacionadas com a flora e a fauna (*Botânica*, *Zoologia*, *Ornitologia*, *Agricultura*, *Angiospermas* ou *Viticultura*), a primeira delas com até 17 ocorrências, é possível reconhecer um valor semântico de *galego* associado com plantas ou animais.

3.6. Análise de sentimento

Através da epígrafe 3.5., observamos que o campo lexical *galego* tende a associar-se semanticamente com significados negativos, embora não sejam a totalidade de significados. Assim, através de técnicas de análise de sentimento foi possível elaborar um gráfico (vd. Figura 6) identificando a polaridade nas definições, exemplos e expressões nas entradas estudadas. No Processamento de Linguagem Natural (PLN) chama-se *análise de sentimento* ou *mineração de opinião* à atribuição da polaridade (positiva, negativa ou neutra) a um texto (Liu, 2015). Normalmente, é utilizada uma listagem de *seed words* (Taboada, Brooke, Tofiloski, Voll, & Stede, 2011) previamente etiquetadas com polaridade positiva, negativa ou neutra, tendo em conta, combinações lexicais que poderão alterar a polaridade (por exemplo, a ocorrência de *gosto* com o advérbio de negação *não* alteraria a polaridade deste verbo). No caso do português, existem listas de *seed words* para a variedade do português europeu, como o SentiLex-PT (Carvalho & Silva, 2015), e para a variedade do português do Brasil. Para a análise da polaridade neste trabalho utilizamos a ferramenta *Linguakit* (Gamallo, Garcia & Fernández-Lanza, 2013; Gamallo & Garcia, 2014; Gamallo & Garcia, 2017).

Gráfico 6. Análise de sentimento da totalidade das definições, expressões e exemplos para o campo lexical *galego* nos dicionários do corpus.



Se bem que a maioria do material tenha ficado com caracterização neutra, é salientável a quantidade de informação que foi qualificada como negativa ou com conotações

negativas (44 unidades), e a que foi qualificada como positiva (36), o que mostra mais uma vez a variedade semântica que caracteriza o campo lexical em estudo.

3.7. Campo semântico

Especialmente as epígrafes 3.3., 3.5. e 3.6. fornecem informação que acaba conduzindo para uma pergunta inevitável: qual o significado de *galego* e variantes? Por outras palavras, que âmbitos estão associadas às palavras ou o que se inclui dentro do seu campo semântico? Embora possa parecer simples, decerto determinar quais são as realidades que o campo lexical nomeia passa por um processo manual e não isento de certa arbitrariedade. Na epígrafe 3.6. mostrou-se que há significados negativos e alguns positivos, além dos maioritariamente neutros. As marcas lexicográficas (epígrafe 3.5.) também restringem muitos significados e os dados quantitativos relativos a palavras ligadas ao campo lexical (epígrafe 3.3.) informam deles indiretamente. Tomando em conta esses dados, e através de uma organização e análise aprofundada das definições, criamos a seguinte proposta de campo semântico, restrita e resumida no possível¹, na Tabela 4:

Tabela 4. Campo semântico do campo lexical de *galego*.

alimento	gentílico-lugar	profissão
dialeto-língua	‘louro’	qualidades de coisas
‘estrangeiro’	movimento político	religião
fauna	‘portugueses’	traços das pessoas (/galegos)
flora	‘presteza’	vento

Fonte: elaboração própria através das definições dos dicionários do *corpus*.

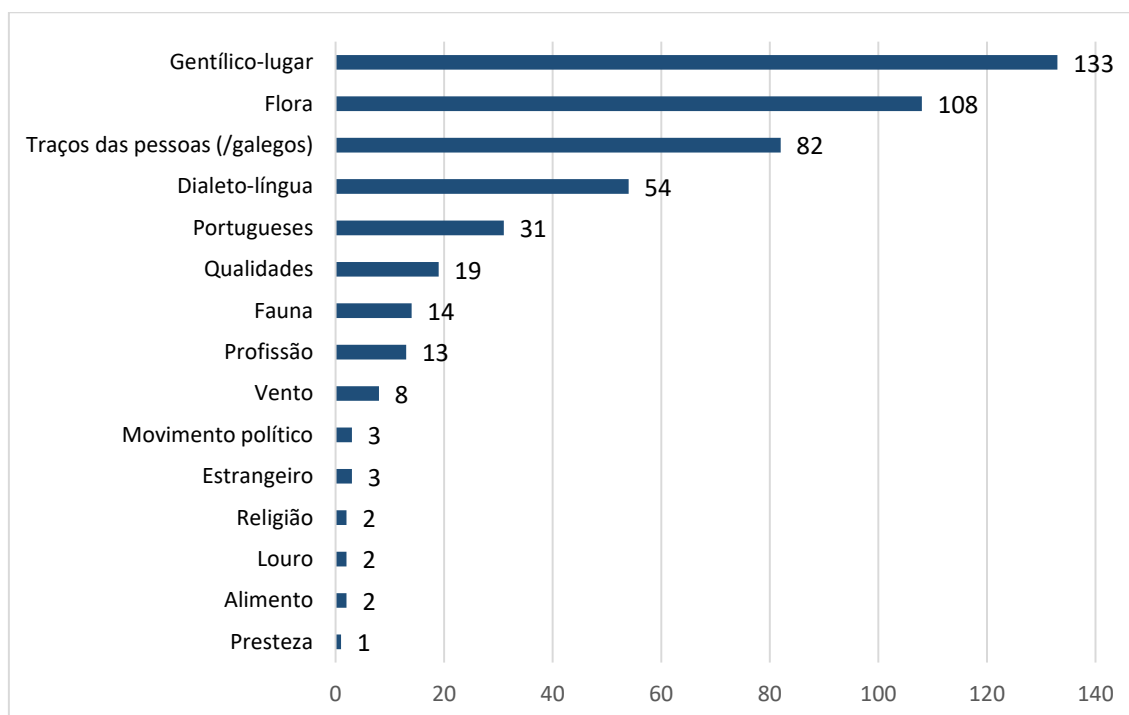
Na Tabela 4 não está representada a totalidade das definições. Isso é devido a que algumas definições são simples remissões para outras entradas ou que são tão lacónicas que não é possível determinar o campo semântico, como nas definições do tipo “o m[esmo]. q[ue]. galegada” (Costa & Sampaio e Melo, 1990, p. 806). Mesmo assim, a maioria desses 15 campos são facilmente observáveis através das definições.

Talvez as categorias mais amplas em quanto a significado sejam a de *traços dos galegos* e a de *qualidades de coisas*. Na primeira, estão incluídas atitudes, comportamento, atos, forma de trabalhar, etc. que, se bem que qualifiquem pessoas em geral, independentemente da sua origem, inicialmente definiam os galegos como povo, tal como ficou indicado na Introdução. O segundo engloba, como adjetivo, qualidades de coisas como a terra, as comidas, a roupa, os lugares ou outras realidades, materiais ou imateriais, indeterminadas. Por sua vez, a categoria *gentílico-lugar* contém sempre definições que fazem referência a lugares físicos, bem como gentílico de pessoas ou como

¹ Tenha-se presente que só a palavra *galego* atinge no dicionário mais prolixo as 19 definições, fora as 23 restantes do seu campo lexical. Isto, junto com a quantidade de dicionários do *corpus*, faz preciso desenhar um campo semântico muito geral e prescindido de detalhes.

referente de entidades físicas ou políticas. As quinze categorias semânticas permitem classificar todas as definições dos dicionários na totalidade do campo lexical, além das referenciais ou ambíguas, e observar a frequência de aparecimento de todas elas. Os resultados mostram-se no Gráfico 7:

Gráfico 7. Frequência de aparecimento das definições de *galego* e derivadas por categorias semânticas nos dicionários do *corpus*.



Com 133 definições, podemos afirmar que o significado prototípico atribuído ao campo lexical *galego* tem a ver com a referência a lugares físicos, nomeadamente o que representa o território da Galiza, mas também habitantes ou regiões como o norte de Portugal ou acidentes físicos da mesma zona. A *flora* é outra das áreas com muitas definições (108 ocorrências), no caso para designar tanto plantas silvestres quanto outras cultivadas na agricultura ou os seus frutos. Os mencionados *traços das pessoas* (82) ocupam o terceiro lugar e só em quarto lugar, com 54 definições, aparece o significado ligado ao idioma, bem para definir o que é falado na Galiza (definido como língua ou como dialeto segundo os dicionários), como para fazer referência a termos linguísticos usados pelos galegos ou à ‘linguagem pouco compreensível’. Além do mais, têm certa representatividade os significados dados pelos brasileiros e que os dicionários portugueses recolhem, sobretudo aqueles cujo significado é equivalente ao de pessoa portuguesa (31), bem fisicamente ou figuradamente², mas também ‘*louro*’. Por último, as

² São frequentes os dicionários que recolhem a definição histórica de *galego* no Brasil como a referente aos partidários do Império na Guerra dos Farrapos (1835). Se bem que o Brasil tivesse deixado de ser colónia portuguesa uns anos antes, a relação ‘império = portugueses = galegos’ parece clara, igual que no caso ‘louros = portugueses = galegos’ (cf. Barros, Machado, Heidmann & Philippsen, 2018), e por isso incluímos essas definições na categoria semântica *portugueses*. Lembremos, aliás, a sinonímia de *galego* com

categorias *alimento*, *religião* e *‘presteza’* são quase inexistentes, pois definições que se ajustam a elas existem, mas são quase inéditas e não têm correspondência em outros dicionários.

3.7.1. Significados conotados negativamente e a sua relação com as marcas lexicográficas

A análise de significados, para além de permitir detetar a amplitude do campo semântico, contribuiu decisivamente para quantificar a gama de significados pejorativos ou com conotações negativas de *galego* e derivadas nos dicionários portugueses. A maioria desses significados fazem parte das categorias semânticas *Traços das pessoas (/galegos)*, *‘Portugueses’*, *Qualidades* e, de jeito discutível, como veremos, *Gentílico-lugar* (vd. epígrafe 3.7). Na primeira dessas categorias, existe um significado prototípico, ligado fundamentalmente às palavras *galego*, *galegada* ou *galeguice*, como adjetivos que descrevem um jeito de falar ou de se comportar rude, incivil, grosseiro, etc. e que seria típico dos galegos. Eis uns exemplos:

- (1) a. Comportamento considerado ou característico de galego. = GALEGADA (Casteleiro, 2001).
- b. Acção ou dito grosseiro; galeguice; brutalidade; grossaria (Silva 1949).

Também existe um uso negativo da palavra *galego* com o significado de ‘português’ ou ‘português do Norte do país’. É um significado típico do Brasil (como determinam os próprios dicionários), mas também de Portugal, especialmente das regiões Centro e Sul.

- (2) a. Que é oriundo do Norte do país (Casteleiro, 2001).
- b. Alcinha que os Brasileiros dão aos Portugueses (Machado, 1981).

Em terceiro lugar, a categoria *Qualidades* também aglutina alguns significados com conotações negativas ou até pejorativas centradas na palavra *galego*, mesmo que, diferentemente do caso anterior, estes significados não sejam prototipicamente atribuídos a pessoas, mas a coisas: roupa, terra de cultivo, etc.

- (3) a. Que é fraco, pobre ou improdutivo (Casteleiro. 2001).
- b. Diz-se da mesa em que não há pão (Lexicoteca. 1985).

Por último, as palavras *galegada* ou *galegaria* possuem um significado cujas conotações negativas ou pejorativas para com o povo galego são discutíveis. São as que transmitem a ideia de ‘grupo de galegos’. Em todos os casos em que ocorre esse significado, o

português (referido a pessoas) não só no Brasil, mas também no centro ou sul de Portugal referido aos habitantes do norte do país, como recolhem os dicionários do *corpus*.

correspondente dicionário inclui outra aceção negativa, explicitada no Exemplo 1, e que facilmente se poderia resumir como ‘o comportamento que têm o grupo de galegos’ definido na outra aceção. Parece muito difícil separar as duas aceções, como demonstra uma procura rápida comparativa no dicionário Priberam (2008): segundo o dicionário, um conjunto de membros de outras raças, povos ou etnias recebem também idênticas nomeações, formadas historicamente através da sufixação de substantivos ou adjetivos aos que é adicionado o sufixo latino -ATA e que, precisamente, podem fornecer o valor de ‘coletividade’ ou o de ‘qualidade ou ato próprio de’ (Ferreiro, 1997, pp. 116–117). Assim, *pretalhada* e *americanada* designam um conjunto de pretos ou de americanos. Também uma *inglesada* ou *francesada* definem uma coletividade de ingleses e franceses, e uma *ciganada* é definida tanto como um conjunto de ciganos quanto o comportamento atribuído a eles. Mas, enquanto *inglesada* e *francesada* não têm marca de uso pejorativo e não possuem significado de ‘comportamento’ próprio deles, *pretalhada* e *americanada* estão marcadas como de uso pejorativo (mesmo sem possuir também significado associado ao comportamento), e mais ainda *ciganada*, onde tanto a coletividade como o comportamento atribuído estão marcados como pejorativos pelo dicionário. Pelo contrário, *galegada* possui também os dois significados, coletividade e comportamento atribuído, mas nenhum está indicado como pejorativo pelo mesmo dicionário. Mais ainda se tomamos em conta como é esse comportamento atribuído segundo a maioria de dicionários do *corpus* e ilustrado aqui no Exemplo 1b (grosseiro, incivil, rude, etc.).

Este fenómeno exemplifica muito bem a importância das marcas lexicográficas, explicada na epígrafe 3.5., e a sua relação com a ideologia exibida pelos dicionários, como recalca Forgas Berdet (2011) e como foi explicado na Introdução. O próprio dicionário Priberam (2008) recebeu uma queixa pela inclusão no dicionário de definições pejorativas ou desrespeitosas com os galegos³ (semelhante à que recebeu a Academia Espanhola), que os lexicógrafos da Priberam responderam como segue:

A função de um dicionário passa por uma descrição dos usos da língua, devendo basear-se essencialmente em factos linguísticos e não estabelecer juízos de valor relativamente a eles, antes apresentá-los o mais objectivamente possível. Em relação às definições da palavra *galego*, o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP) veicula o significado que ela apresenta na língua, mesmo que alguns dos seus significados possam revelar o preconceito ou a discriminação presentes no uso da língua.

As aceções que considera injuriosas têm curso actualmente em Portugal (como se pode verificar através de pesquisa em *corpora* e em motores de busca na internet), sendo usadas em registos informais e com intenções pejorativas, estando registadas, para além do DPLP, nas principais obras lexicográficas de língua portuguesa, como o Dicionário da Língua

³ “Escrevo-lhes da Galiza, depois de ter procurado o significado da palavra "galego" no dicionário Priberam. Encontrei uma definição que considero desrespeitosa, e ainda mais na actualidade. Tenham em conta que como cidadãos da Galiza (espanhola ou portuguesa) e utentes da língua comum galego-portuguesa consideramos de muito mau gosto que persistam nos seus dicionários definições de 150 anos atrás que nada têm a ver com que significa ser Galego ou Galega na actualidade. Agradecia muito que mudassem o conteúdo dessa definição mais ofensivo para os cidadãos galegos. José Cunha (Galiza - Espanha).” (Priberam 2008).

Portuguesa Contemporânea (Academia das Ciências de Lisboa/Verbo, 2001) ou o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (edição brasileira da Editora Objetiva, 2001; edição portuguesa do Círculo de Leitores, 2002). O DPLP não pode omitir ou branquear determinados significados, independentemente das convicções de cada lexicógrafo ou utilizador do dicionário.

Como acontece com qualquer palavra, o uso destas acepções de galego decorre da selecção feita pelo utilizador da língua, consoante o registo de língua e o conhecimento das situações de comunicação e dos códigos de conduta social. O preconceito não pode ser imputado ao dicionário, que se deve limitar a registar o uso (daí as indicações de registo informal [Infrm.] e depreciativo [Deprec.]). Este não é, na língua portuguesa ou em qualquer outra língua, um caso único, pois as línguas, enquanto sistemas de comunicação, veiculam também os preconceitos da cultura em que se inserem.

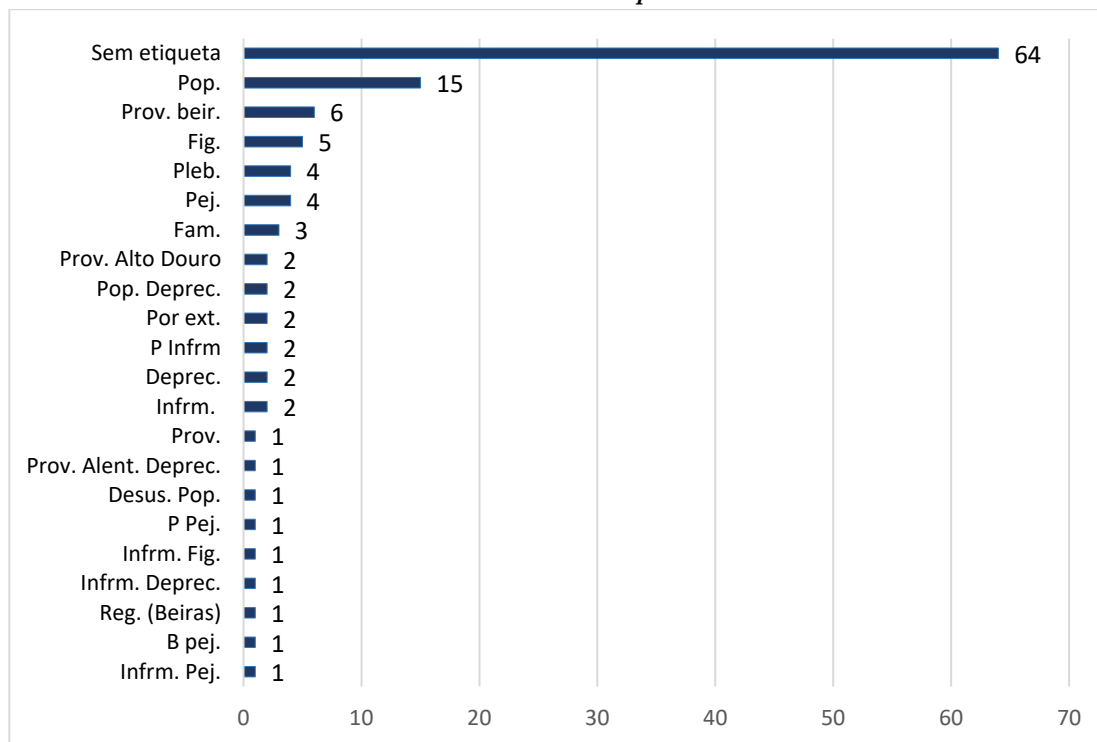
Esta reflexão também se aplica a outros exemplos, como o uso dos chamados palavrões, ou tabuísmos, cuja utilização em determinadas situações é considerada altamente reprovável, ou ainda de palavras que têm acepções depreciativas no que se refere a distinções sexuais, religiosas, étnicas, etc. (Priberam 2008)

Mais uma vez, e como também postulou Forgas Berdet (2011), o lexicógrafo defende que as expressões e significados pejorativos e ofensivos têm que estar no dicionário porque este recolhe a fala viva, e que o procedimento para não ser partícipe deles como equidistante ou colaborador é mediante a utilização de marcas lexicográficas.⁴ Assim, e mesmo que se defender que a palavra não tem conotações negativas, examinaremos nesta epígrafe a relação entre as definições com conotações negativas e as marcas lexicográficas nos dicionários que conformam o *corpus*.

Como foi indicado, as palavras do campo lexical negativamente conotadas limitam-se a *galego*, *galeguice* (García Benito, 2014), à expressão *parir a galega* e, com matizes, a *galegada* e *galegaria*. Outras palavras não mostram polaridade negativa e outras até mostram polaridade positiva, nomeadamente *galego-português* e *galaico-português*, nas quais os dicionários costumam descrever com toda sorte de elogios a origem do idioma português. Para quantificar e examinar quantas das entradas pejorativas, depreciativas, etc. (sempre que não signifiquem especificamente ‘*portugueses*’, pois isso vai ser estudado logo) estão acompanhadas com as correspondentes marcas lexicográficas e quais são estas, foi elaborado o Gráfico 8.

⁴ Mas, como já se intui pelo examinado justo antes, os lexicógrafos da Priberam parecem apresentar uma incoerência entre o defendido e o praticado, se comparamos o tratamento e as marcas lexicográficas de *galegada* com as de *francesada*, *inglesada*, *pretalhada*, *americanada* e mesmo *espanholada*.

Gráfico 8. Marcas lexicográficas utilizadas para assinalar significados de uso pejorativo ou negativamente marcados no campo lexical galego (com exceção da categoria ‘Portugueses’) nos dicionários do corpus.



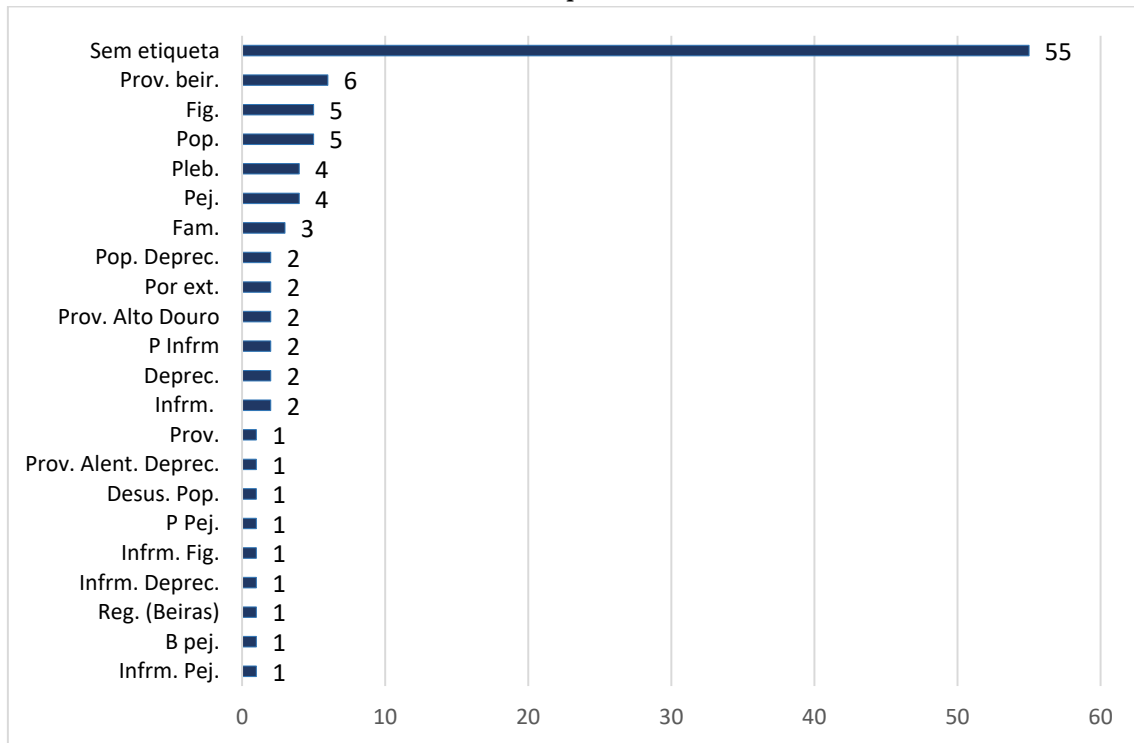
Nota. As marcas iguais com abreviaturas diferentes segundo o dicionário foram agrupadas e representadas por meio da mais habitual.

Como se faz patente, são maioria as definições que não têm marcas lexicográficas embora os usos sejam pejorativos ou negativos. De fato, a soma de todas as presenças das outras etiquetas não alcança as 64 definições sem etiqueta. Eis só alguns exemplos sem marcas:

- (4) a. Acção ou dito grosseiro; galeguice; brutalidade; grossaria (Silva, 1949).
 b. Diz-se da pessoa ordinária, grosseira, de aspecto rude, incivil e vulgar (Silva, 1949).

Aliás, as marcas mais utilizadas são *popular* (15 ocorrências) e *provincial das Beiras* (6). Para encontrar uma marca explícita sobre o uso negativo temos de ir até à sexta posição, onde encontramos *pejorativo* com só 4 ocorrências. *Galegada*, a palavra cujos valores pejorativos ou depreciativos são mais discutíveis, só aparece não marcada ou marcada por *popular*. Se objetamos para o Gráfico 8 que *galegada*, na sua aceção de ‘conjunto de galegos’, não implica um significado depreciativo e elaboramos um novo gráfico (Gráfico 9) tomando em conta essa premissa, a mudança não consegue melhorar o ratio esperável e desejável de marcas lexicográficas:

Gráfico 9. Marcas lexicográficas utilizadas para assinalar significados de uso pejorativo ou negativamente marcados no campo lexical *galego* (com exceção da categoria semântica ‘*Portugueses*’ e da entrada *galegada* como sinónimo de ‘conjunto de galegos’) nos dicionários do *corpus*.

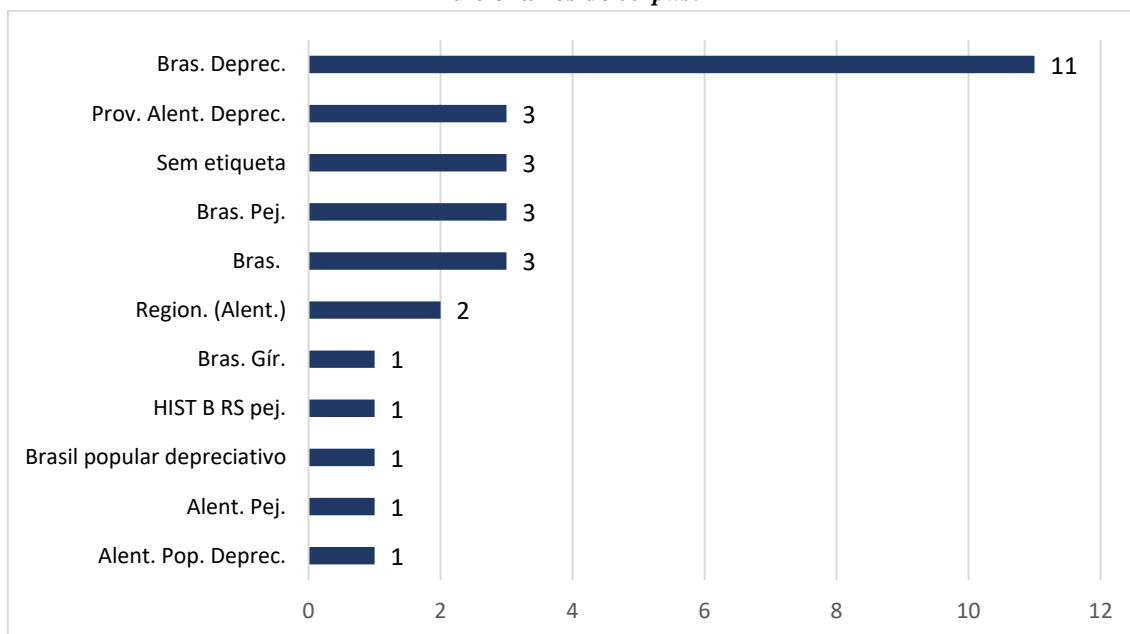


Nota. As marcas iguais com abreviaturas diferentes segundo o dicionário foram agrupadas e representadas por meio da mais habitual.

As definições sem etiqueta continuam a ser mais do que a soma total do resto de etiquetas, com a diferença de que o uso da marca *popular* apresenta menos ocorrências, aproximando-se de *pejorativo*. As etiquetas que são explícitas à hora de marcar definições como ofensivas e depreciativas mantêm-se na mesma quantidade, o que demonstra que tomar em consideração *galegada* (na aceção de ‘conjunto de galegos’) como sendo ou não pejorativa não influi no resultado final, um resultado de ausência sistemática de marcas.

Porém, e noutra ordem de coisas, o facto de excluirmos nos Gráficos 8 e 9 as aceções do campo lexical galego que fazem parte da categoria semântica ‘*Portugueses*’ não é por acaso. É de interesse averiguar que trato fornecem os dicionários às definições depreciativas ou negativamente conotadas quando estas fazem referência a Portugal, ao povo português ou a parte dele, conforme se ilustra no Exemplo 2. Os resultados aparecem no Gráfico 10:

Gráfico 10. Marcas lexicográficas utilizadas para assinalar significados de uso pejorativo ou negativamente marcados em significados pertencentes à categoria semântica ‘Portugueses’ nos dicionários do corpus.



Nota. As marcas iguais com abreviaturas diferentes segundo o dicionário foram agrupadas e representadas por meio da mais habitual.

Os resultados são muito diferentes dos que mostram os Gráficos 8 e 9. De um total de 30 definições negativamente conotadas, só em 3 não se fornece marca nenhuma, e, dessas três, uma faz referência para um significado histórico (os referidos partidários do Império na Guerra dos Farrapos brasileira), e as outras duas para portugueses do norte do país. Além do mais, a maioria das marcas são explícitas na hora de descrever o uso negativo (*pejorativo*, *depreciativo*), inclusive nas etiquetas mais usadas, assim como em outras que, se bem que proporcionem informação sobre o lugar onde a entrada tem esse significado, não deixam de estar acompanhadas das referidas marcas de uso negativo, exceto contados casos.

3.8. Definições, marcas lexicográficas, campo lexical: evolução histórica

Não existem diferenças muito salientáveis entre os primeiros dicionários portugueses (séculos XVI, XVII XVIII) e os contemporâneos em quanto à evolução dos termos e das definições de *galego* e derivadas. A maior diferença encontra-se no campo lexical, como pode ver-se no Gráfico 2: os dicionários de mediados do século XX são os que contêm mais entradas relacionadas, baixando o seu número para finais de século e começos do XXI e, ao mesmo tempo, muito por cima dos primeiros dicionários. Mas, salvo poucas exceções, nada faz pensar que essas diferenças estejam relacionadas com algo que não seja a maior ou menor especificação pretendida pelos próprios dicionários. Ou, por outras palavras, não existem provas de que uma profunda evolução lexical fizesse aparecer ou

sumir muitos termos na língua falada pelos portugueses. Talvez, *galiziano* pode ser uma das poucas entradas que encaixe nesses parâmetros, nada estranho por compartilhar significado completamente com *galego* nas suas duas únicas aceções. Mesmo assim, a sua presença no dicionário em linha atual Priberam (2008) afirma a sua conservação até hoje e desde, quando menos, o século XVIII. E, sobretudo, *galeguizar* e *galeguismo*, duas palavras formadas ao amparo da emergência da consciência nacional, cultural e política galega no século XX e que, portanto, são neologismos que não aparecem nos dicionários mais antigos. Apesar disso, embora tenham sido chaves para ampliar a área lexical, são verbetes de presença não sistemática nos dicionários do *corpus*, talvez por definirem questões ainda bastante alheias ao povo português (Neves, 2021).

A respeito da evolução semântica, como pode conferir-se através do Gráfico 5, a soma das etiquetas *ANT.* e *Desus.* só deixa 7 ocorrências no total de dicionários e de definições, sempre nas palavras *galego/a* e *galega*, e só para marcar a definição de ‘terra infértil’ (categoria semântica de *qualidades*) e uma vez a de ‘ofício consistente em carregar bagagens ou fazer fretes’ (categoria de *ofício*) na palavra *galego/a*. Esta última definição não aparece nos dicionários mais antigos, apesar de que, através das criações literárias disponíveis (*cf.* Carrasco, 2020; Kristensen & Evans, 2006), demonstra-se que eram significados correntes na altura na Idade Moderna. Além do mais, só o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (Casteleiro, 2001) atribui um valor antigo ou em desuso ao significado de *galego/a* enquanto outros dicionários do mesmo século XXI não o fazem ou, no máximo, matizam que antigamente ou tradicionalmente o ofício era realizado por galegos. Sendo assim, só *galega* como adjetivo que faça referência à qualidade da terra pode fazer parte das mínimas evoluções semânticas que apresenta o campo lexical. No entanto, a maioria de definições e significados (inclusive os negativos pejorativos) têm presença nos dicionários do *corpus* com mínimas alterações, como não sejam as referidas às de maior ou menor exaustividade do dicionário em questão. De facto, a maior amplitude lexical e semântica dos dicionários de mediados do século XX muito tem a ver, essencialmente, com a exaustividade e especificação de significados ligados com a flora.

Quanto às marcas lexicográficas, a evolução de presenças tampouco parece muito acusada, embora a tendência seja a de aparecerem em maior quantidade e variedade quanto mais recentes forem os dicionários. Um dado que se explica se tomamos em conta a progressiva melhora e profissionalização na elaboração dos dicionários através das ciências linguísticas e, mais concretamente, da lexicografia.

4. Conclusões

Através destas páginas foi possível aprofundar no significado e uso do termo *galego* e derivadas nos dicionários de português europeu e, por extensão, em Portugal. Para começar, foi possível delimitar e conformar o campo lexical da palavra nos dicionários portugueses. Isto, por si próprio, permite estudos posteriores semânticos e de outros âmbitos. Aliás, traz à tona palavras compostas, expressões e estruturas multipalavra afastadas do campo lexical da palavra no próprio idioma galego: *galego-barbado*, *galego-de-montemor*, *parir a galega*, etc. Outras, por contra, são importações léxicas do

português de Portugal, como *galeguismo* e *galeguizar*, que com diferentes frequências estão a aparecer nos dicionários portugueses. No entanto, outros verbetes figuram nos dicionários por afetarem diretamente questões relacionadas culturalmente com Portugal, como *galaico-português*, *galego-português* ou *galaico-duriense*, que remetem elucidativamente para os vínculos históricos entre os dois povos. Além do mais, *galego/a* é a palavra com mais ocorrências, reforçando o seu papel de base lexical dum total de 24 palavras, para além de expressões e estruturas multipalavra relacionadas.

No que tem a ver com a semântica do campo lexical, a informação que fornecem os dicionários é muita. Por um lado, é indício forte (e, de algum jeito, justifica) da real existência e funcionamento no imaginário português do mais acima referido *imago tipo negativo* ou do *emigrante* pelo qual os galegos são imaginados (e assim, por exemplo, representados em diferentes produtos culturais como a literatura) como escravos do trabalho, ocupado em fretes, incivil ou grosseiro. No que tem a ver com o campo semântico *dialeto-língua*, os dicionários assim como os pesquisadores clássicos e atuais coincidem em não oferecer uma postura unida, e há dúvidas sobre se o galego é uma língua, um dialeto, uma variedade, etc.

São interessantes também as ideias ligadas ao campo lexical, que foram extraídas através da observação das palavras frequentes presentes nas definições: *galego*, *Galiza*, *relativo* e *variedade* são as mais usadas, assim como *Portugal*, o que transmite a ideia da relação histórica entre os dois povos – *imago tipo de afinidade?* – mas também a centralidade da elaboração dos dicionários desde o lugar onde se enuncia. Também aparecem outras que apontam para os usos depreciativos (como *grosseria*) e um número importante que fazem referência aos significados associados à flora, demonstrando ser esta área uma das mais rendíveis semanticamente. De destacar é, porém, as conotações negativas frequentemente ligadas aos significados relacionados com a flora, a fauna ou as qualidades das coisas, para além das referidas aos humanos, os galegos e o seu comportamento, e que muito bem se percebem através da análise de sentimento (mais conotações negativas do que positivas). Assim, o *galizo* é sinónimo de “galhastro” (Bivar, 1948), a *galega* uma “espécie de ginja vermelha, muito ácida” (Dicionário Aberto, 2010), ou o *cavalo galiziano* um “cavalo de uma raça pequena” e o *psalterio galego* um “psalterio pequeno” (Silva, 1789). Nas que têm a ver com os humanos, destacam, praticamente sem evoluções no tempo, aqueles referidos ao comportamento incivil, grosseiro, rude, etc. e aos ofícios de condição social baixa associados: moço de fretes, carregador, etc. Mesmo assim, e como seria esperável, os significados mais repetidos são os que se referem à Galiza ou outros lugares geográficos (gentílicos, principalmente, mas também natureza ou procedência de coisas), ficando só em quarto lugar os que definem a variedade linguística falada nesse espaço geográfico. Os topónimos mais habituais corroboram a Galiza como o protagonista dos dicionários dentro do campo lexical galego, mas é salientável a importância de Portugal (segunda posição), muito por cima da Espanha, o que sem dúvidas tem a ver com os anseios de os dicionários definirem os itens do campo lexical desde e para Portugal, procurando a vinculação dos significados com a cultura, a história e a língua portuguesas.

Por último, as marcas lexicográficas, um dos principais vetores de ideologia dos dicionários, demonstraram ter aumentado ligeiramente em quantidade e variedade

conforme os dicionários são mais recentes. Porém, o facto de serem *Brasil* e *depreciativo* as etiquetas mais utilizadas aponta para um facto facilmente comprovável através de outras análises: o da parcialidade geral dos dicionários e a sua não neutralidade. Os Gráficos 8 e 9, em comparação com o 10, não deixam dúvida de que os dicionários apresentam sérios problemas na hora de marcar, por meio das etiquetas adequadas, todos os usos pejorativos, racistas ou ofensivos para com o povo galego, e que, por contra, são exaustivos e quase não erram em colocar as marcas pertinentes quando o povo objeto de ofensas e vítima de opressão, através de usos linguísticos, é o português. Dados relevantes que confirmam isto, para além de *Brasil* como a marca lexicográfica com mais ocorrências (*galego* nesse país é designativo de ‘português’ com conotações negativas, dentre outros significados), são a ausência sistemática de marcas (ou até a presença de marcas branqueadoras como *familiar* ou *popular*) para usos linguísticos claramente depreciativos ou pejorativos referidos aos galegos, assim como a presença sistemática de etiquetas abertamente específicas (*pejorativo*, *depreciativo*) quando os significados atacam o povo português, essencialmente aqueles que têm curso de uso no Brasil. Essa sistematicidade baixa consideravelmente, por contra, quando os usos negativos fazem referência só aos portugueses do Norte (minhotos, beirenses), inclusive que seja um uso em curso nas regiões Centro e Sul, o que por sua vez poderia ser interpretado em função de um certo centralismo e discriminação para com as periferias na elaboração dos dicionários. Esta arbitrariedade na atribuição de marcas, se bem seja mais frequente nos dicionários mais antigos e foi progressivamente melhorando nos dicionários mais contemporâneos, ainda fica presente na atualidade, como demonstra o caso representativo do dicionário Priberam (2008) através de *galegada* e a sua comparação com *pretalhada*, *americanada*, *espanholada*, etc. Relativamente recente, também, é o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (Casteleiro, 2001), que marca com *Desus. Pop.* o significado de “Pessoa que transportava bagagens ou fazia fretes e que era, frequentemente, natural da Galiza; moço de fretes”, com *Fam.* o de “Pessoa que trabalha muito, que executa trabalhos pesados; escravo do trabalho” e, por contra, com o nada ambíguo *Bras. Deprec.* o de “Pessoa natural de Portugal”.

Em definitiva, e apesar das deficiências dos dicionários no manejo das definições, o nosso estudo serviu para ilustrar a ampla presença e a significativa importância da Galiza e as múltiplas derivações semânticas com origem nela para os dicionários portugueses e, por extensão, para o povo português, uma realidade talvez desapercibida ao norte do Minho e que já assinalou Neves (2021). Estes *mundos galegos* plasmados nos dicionários mostram a diversidade de *galegos* a funcionar na língua portuguesa e, por sua vez, indiciam o funcionamento, muito provavelmente já secundário no imaginário português, de um discurso pejorativo para com os oriundos da Galiza (e outras regiões de Portugal). Este imaginário, à luz da análise aqui feita, não se esgota, porém, nesta visão aviltante e remete para outras dimensões em que se destaca, por exemplo, os vínculos históricos entre os dois povos. Por fim, a ocorrência marginal do campo lexical de *Espanha* na análise feita mostra um tratamento da *matéria galega* nos dicionários portugueses não condicionado pela *espanholidade* eventualmente atribuída à Galiza e às suas pessoas, o que nos permite hipotetizar uma imagem portuguesa da Galiza não intermediada na sua natureza pela tal *espanholidade*.

Referências

- Academia das Ciências de Lisboa. (1793). *Diccionario da lingua portugueza*. Academia Real das Ciências de Lisboa.
- Álvarez Pérez, X. A. (2013). A fronteira entre galego e portugués. A perspectiva portuguesa. In E. Gugenberger, H. Monteagudo & G. Rei-Doval (Eds.), *Contacto de linguas, hibrididade, cambio: contextos, procesos e consecuencias* (pp. 97–136). Consello da Cultura Galega & Instituto da Lingua Galega.
- Aulete, J. C. (1881). *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza feito sobre um plano inteiramente novo*. Imprensa Nacional.
- Bagno, M. (2011). O portugués não procede do latim. Uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego. *Grial*, 191, 34–39.
- Barros, F. H. T., Machado, L., Heidmann, G., & Philippsen, N. (2018). A alcunha galego no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(3), 1227–1276. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1227-1276>
- Bivar, A. (1948). *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Edições Ouro.
- Bluteau, R. (1712–1728). *Vocabulario portuguez, e latino* (Vols. 1–4). Colégio das Artes da Companhia de Jesu.
- Carballeira Debas, A. M. (2011). Sobre el concepto de Galicia y los gallegos en los autores árabes medievales. In C. E. Prieto Entrialgo (Coord.), *Arabes in Patria Asturiensium* (Vol. 3, pp. 255–271). Universidad de Oviedo.
- Cardoso, J. (1562). *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*. Joannus Alvari Typographi.
- Carrasco, J. M. (2020). La lengua de los gallegos en el teatro portugués del siglo XVIII: la obra de Manuel de Figueiredo. In A. P. Bernat Vistarini, A. Olmo Iturriarte, F. Díaz de Castro & M. Lourdes Pereira (Eds.), *Como el camino empieza: palabra e imagen para Perfecto E. Cuadrado* (pp. 45–61). José J. de Olañeta.
- Carvalho, P. & Silva, M. J. (2015). Sentilex-pt: principais características e potencialidades. In A. Simões, A. Barreiro, D. Santos, R. Sousa-Silva & S. Tagnim (Eds.), *Linguística, informática e tradução: mundos que se cruzam. Homenagem a Belinda Maia* (pp. 425–438).
- Casteleiro, J. M. (Coord.) (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo.
- Costa, J. A. & Sampaio e Melo, A. (1990). *Dicionário da língua portuguesa* (6.^a edição corrigida e aumentada). Porto Editora.
- Dicionário Aberto. (2010). *Dicionário Aberto* [em linha]. <https://dicionario-aberto.net/>
- Duarte, S. (2015). O galego nos textos metalinguísticos portugueses (séculos XVI–XIX). *Revista Galega de Filoloxía*, 16, 75–105. <https://doi.org/10.17979/rgf.2015.16.0.1379>
- Exigen a la RAE quitar la acepción «tonto» de la palabra «gallego». (2006, 23 março). ABC. https://www.abc.es/espana/abci-exigen-quitar-acepcion-tonto-palabra-gallego-200604230300-1421253928838_noticia.html
- Ferreiro, M. (1997). *Gramática histórica galega. II. Lexicoloxía*. Laiovento.
- Figueiredo, C. (1899). *Nôvo dicionário da língua portuguêsã*. Tavares Cardoso & Irmão.
- Forgas Berdet, E. (2007). Dictionarios e ideología. *Interlingüística*, 17, 2–16.
- Forgas Berdet, E. (2011). El compromiso académico y su reflejo en el DRAE: los sesgos ideológicos (sexismo, racismo, moralismo) del Diccionario. In S. Senz & M. Alberte (Eds.), *El dardo en la Academia. Esencia y vigencia de las academias de la lengua española* (Vol. 2, pp. 425–457). Melusina.
- Gamallo, P. & Garcia, M. (2014). Citius: A Naive-Bayes Strategy for Sentiment Analysis on English Tweets, In P. Nakov & T. Zesch (Eds.), *Proceedings of the 8th International Workshop on Semantic Evaluation (SemEval 2014)* (pp. 171–175). <https://doi.org/10.3115/v1/S14-2>

- Gamallo, P. & Garcia, M. (2017). LinguaKit: Uma ferramenta multilingue para a análise lingüística e a extração de informação. *Linguamática*, 9(1), 19–28. <https://doi.org/10.21814/lm.9.1.243>
- Gamallo, P., Garcia, M. & Fernández-Lanza, S. (2013). TASS: A Naive-Bayes strategy for sentiment analysis on Spanish tweets. *Proceedings of XXIX Congreso de la Sociedad Española de Procesamiento de lenguaje natural. Workshop on Sentiment Analysis at SEPLN (TASS2013)* (pp. 126–132).
- García Benito, A. B. (2014). *Negócio da China, homem das Arábias, trabalhar como um galego...*: estereótipos nacionais en la lengua portuguesa. *Paremia*, 23, 69–78.
- González Lopo, D. L. (2006). ‘Se se mandassem embora não haveria quem servisse...’ Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial. In R. Lois González & R. Verdugo Matés (Eds.), *As migracións en Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais* (pp. 237–266). Ed. Candeia.
- Grave, J. & Coelho Netto. (Orgs.). (1974). *Lello Universal: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro*. Livraria Lello, Lda.
- Grygierzec, W. & Ferro Ruibal, X. (2009). Estereótipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués. *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 11, 94–105.
- Gutiérrez Cuadrado, J. (2011). Ideología y lexicografía. In F. San Vicente, C. Garriga & H. E. Lombardini (Coords.), *Ideolex. Estudios de lexicografía e ideología* (pp. 25–66). Polimétrica Publisher.
- Houaiss, A. (2003). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Círculo de Leitores.
- Infopédia (2003). *Dicionário infopédia da língua portuguesa* [em linha]. Porto Editora. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/galego>
- Iriarte Sanromán, A. (2016). *Dicionários Portugueses* [Pedagogical publication]. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/78348>
- Kristensen, B. & Evans Pim, J. (2006). Galegos no humor e no imaginário coletivo. O arquetipo do emigrado na literatura satírica do Portugal decimonónico. In J. Evans Pim, B. Kristensen & O. Crespo Argibay (Eds.), *Estudos Atlânticos: novos rumos para uma matriz multidisciplinar circum-atlântica* (pp. 87–121). Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz.
- La RAE deja de atribuir a «gallego» los significados de «tonto» y «tartamudo». (2014, 17 outubro). *La Voz de Galicia*. https://www.lavozdegalicia.es/noticia/cultura/2014/10/17/fin-dejan-atribuirse-gallego-significados-tonto-tartamudo/0003_201410G17P41993.htm
- Lello e Irmão Editores. (1996). *Novo dicionário da língua portuguesa. Sistema J*. Lello e Irmão Editores.
- Lexicoteca. (1985). *Lexicoteca - moderno dicionário da língua portuguesa*. Círculo de Leitores.
- Lexilello. (1989). *Lexilello. novo dicionário da língua portuguesa*. Lello & Irmão.
- Liu, L. (2015). *Opinions, sentiment, and emotion in text*. Cambridge University Press.
- Machado, J. P. (Coord.) (1981). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Sociedade de Língua Portuguesa / Amigos do Livro Editores.
- Marçal, H. (1954). O significado do vocábulo ‘galego’ e a sua extensão na etnografia e no folklore. *Douro Litoral*, 6.ª serie (I-XI), 3–16.
- Neves, M. (2021). O galego (in)visível. Inquérito sobre a visibilidade da Galiza e do galego em Portugal. In C. Pazos-Justo, M. J. Botana Vilar & G. André (Eds.), *Galiza e(m) nós. Estudos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português* (pp. 191–212). Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.
- Núñez Seixas, X. M. (2002). *O inmigrante imaxinario. Estereótipos, representacións e identidades dos galegos na Argentina (1880-1940)*. Universidade de Santiago de Compostela.
- Pazos-Justo, C. (2012). De João de Redondella a Os Galegos são nossos irmãos: aproximação à imagem da Galiza e dos galegos em Portugal nos inícios do século XX. In M. J. Fernández García & M. L. Leal (Coords.), *Imagologías Ibéricas: construyendo la imagen del otro peninsular* (pp. 379–386). Gobierno de Extremadura.
- Pazos-Justo, C. (2016). *A imagem da Galiza em Portugal. De João de Redondella a Os Galegos são nossos irmãos*. Através Editora.

- Priberam. (2008). *Dicionário Priberam da língua portuguesa* [em linha]. <http://www.priberam.pt/dlpo>
- Real Academia Española. (2014). *Diccionario de la lengua española* (23.^a ed.), (versão 23.5 online). <https://dle.rae.es>
- Rodríguez, J. L. & Torres Feijó, E. J. (1994). A Galiza e os galegos na prosa de Camilo. In *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos* (pp. 707–727). Comissão Nacional das Comemorações Camilianas.
- Silva, A. M. (1789). *Diccionario da lingua portugueza composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva*. Ferreira.
- Silva, A. M. [por A. Moreno, J. F. Cardoso Júnior & J. P. Machado] (1949–1959). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Tavares.
- Silva, A. M. (1980). *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*. Editorial Confluência.
- Taboada, M., Brooke, J., Tofiloski, M., Voll, K. & Stede, M. (2011). Lexicon-based methods for sentiment analysis. *Computational Linguistics*, 37(2), 267–307. https://doi.org/10.1162/COLI_a_00049
- Teijeiro Fuentes, M. Á. (1996). Galicia y los gallegos en la literatura española del Siglo de Oro. *Scriptura*, 11, 203–246.
- Teixeira, G. (Ed.) (2004). *Grande dicionário: língua portuguesa*. Porto Editora.
- Texto Editora (1995). *Dicionário universal da língua portuguesa*. Texto Editora.
- Torrinha, F. (1931). *Moderno dicionário da língua portuguesa. Para os estudantes e para o povo. Ortográfico, prosódico e morfológico*. Simões Lopes.
- Vaza, A. C. F. R. & Amor, E. M. M. (2006). *Dicionário Verbo: língua portuguesa*. Editorial Verbo.
- Vieira, Fr. D. (1871). *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza*. Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.
- Vilela, M. (Ed.) (1990). *Dicionário do português básico*. Edições Asa.

[recebido em 13 de julho de 2022 e aceite para publicação em 12 de abril de 2023]